

Uma Questão Nacional

Julho de 1950

Foi o seguinte o discurso pronunciado pelo Sr. Deputado Raul Pilla, Presidente do Partido Libertador, no comício do Movimento Nacional Popular, em Ubá, Minas Gerais:

«Aqui estamos tomando parte na maior importante operação, e única verdadeiramente decisiva, que o atual regime político defere à nação brasileira, representada pelo seu eleitorado: a eleição do Presidente da República.

O presidencialismo, que os primeiros republicanos adotaram e nós ainda não conseguimos remover, é de fato uma ditadura pessoal, embora Constitucional. Tudo pode, senhores, o presidente da República, pode tanto o bem, como o mal; e, tudo podendo, pode mais o mal que o bem, porque aquele, e não este, é o pendor da natureza humana.

Assim, se o nosso sistema político é uma ditadura temporária e eletiva (não creio que alguém o possa sinceramente negar), se por cinco anos pendente de um homem vai ficar toda a vida nacional, grave e muito grave, gravíssimo entre os mais graves é o ato pelo qual se vai fazer a escolha. Pensais, senhora, que, ao depositardes o vosso voto, nas urnas, estais apenas optando por um, entre vários nomes? Pensais seja esta, apenas, uma questão de preferência pessoal, de gosto, de capricho? Pensais que muito não irá entre eleger-se Eduardo Gomes, Cristiano Machado, ou Getúlio Vargas? Pois enganados e muito enganados estais. Escolhendo um de tais candidatos, decidis, de fato, os destinos nacionais.

Para onde irá o Brasil nos próximos cinco anos? Para onde o quiser levar o futuro Presidente da República.

Senão vêde o que nos aconteceu em 2 de Dezembro de 1945. Podendo ter eleito Eduardo Gomes, a nação elegeu Eurico Gaspar Dutra. O resultado deste erro tremendo aí está: não se resolveu nenhum dos graves problemas legados pela Ditadura, e alguns deles se agravaram ainda mais. O que se fez, simplesmente, senhores, a 2 de Dezembro de 1945, foi transplantar para o terreno constitucional a ditadura estadonovista: quase os mesmos homens; os mesmos, senão piores costumes. Quem duvidará, senhores, que eleito então Eduardo Gomes, em vez de Eurico Dutra, outros, mais altos, mais belos, mais nobres teriam sido os nomes da vida nacional?

O governo brasileiro vai agora, a 3 de Outubro, assumir de novo a responsabilidade de decidir dos destinos do País, elegendo o novo Presidente da República. Se ele errar desta vez, como errou da outra, não terá desculpa.

Pouco haveria que desculpar em 1945, pois impossível era qualquer confusão entre os dois principais candidatos: um representava a ditadura que expirava, o outro a democracia que renascia. Como não se viu, mais

que a diferença, a oposição entre os dois candidatos? A grande atenuante, senão devidamente do gravíssimo erro então cometido, foi que apenas um mês mediou entre a queda da Ditadura, a 29 de Outubro, e a eleição do Presidente da República, a 2 de Dezembro. Tempo suficiente ainda não tinha havido, para que os exames caíssem aos olhos do povo.

Mas agora, não, senhores. Cinco longos anos correram e fartos estamos de conhecer os nossos homens. Há três candidatos diversos e três candidaturas diversíssimas. Três candidatos diversos, por serem três homens diferentes, senão opostos. Quem poderá confundir, senhores, Eduardo Gomes com Getúlio Vargas. O herói de Copacabana, com o campeão do despistamento? E quem os não distinguirá de Cristiano Machado? E três candidaturas diversíssimas são elas, três candidaturas opostas, antagonicas, porque uma — a do Sr. Getúlio Vargas — é a ditadura que foi e que seguramente voltará se ele fôr eleito; a segunda — a do Sr. Cristiano Machado — por mais que pessoalmente o ressalvemos, representa isso que aí está e eu prefiro deixar sem definição, pois, se não saíu da Copa e da Cozinha está haurindo a sua seiva; a terceira — a do Brigadeiro Eduardo Gomes — é não só verdadeiramente democrática nas suas origens e na sua inspiração, mas também a única capaz de assegurar a renovação da vida pública brasileira.

Assim, senhores, muito clara está a questão que agora se propõe ao eleitorado brasileiro. Quereis a preservação do que aí está, com todos os seus vícios? Votai sem constrangimento no candidato do Catete, porque este é realmente o vosso candidato. Quereis a volta da ditadura, com a total supressão das liberdades publicas? Não podereis votar, senão em Getúlio Vargas, já provado e comprovado neste mistér. Quereis simplesmente, verdadeiramente a democracia, o governo do povo, pelo povo e para o povo, com todas as inapreciáveis consequências de ordem material e espiritual que este regime acarreta? Pois, então, o vosso candidato é Eduardo Gomes, não pode ser senão ele. Quereis a democracia e ireis votar em Getúlio Vargas? Seria contraditório e absurdo. Quereis a democracia, e ireis votar em Cristiano Machado? Sim, dir-me-á talvez alguém; sim, porque é um democrata. Não o nego, senhores. Mas há democracia e democracia e, por isto, há também democratias e democratias. O Sr. Cristiano Machado serve nessa democracia aviada e afistulada de todas as molestias que, com a sua candidatura, pretende prolongar-se, e não a verdadeira democracia, por que todos ansiamos.

Assim, senhores, não há dois caminhos e, ainda menos haverá três caminhos, nesta conjuntura, para os verdadeiros democratias. Dos três candidatos, somente Eduardo Gomes é o candidato da democracia, somente ele pode

ser-nos melhor seguro da renovação nacional por que anseiam os verdadeiros patriotas. Errará quem quiser, quem tiver interesse em errar.

Dir-me-eis talvez, senhores, não ser tão facil a opção como a mim se me afigura. Sois mineiros e, entre esses três candidatos, um há que é mineiro; e este não, por certo, é o Brigadeiro Eduardo Gomes, que nasceu no Estado do Rio. Como votar, senhores, sendo mineiros, contra um mineiro? Esta é, ou esta poderia ser a vossa dificuldade.

Mas, senhores, se fosse dificuldade, não seria maior que a minha. Mineiro não sou: sou riograndense do sul. E entre os três candidatos um há — o Sr. Getúlio Vargas — que é precisamente sul-riograndense. Assim, se os mineiros têm dificuldade em votar contra um candidato mineiro, não menor dificuldade deveriam ter os riograndenses em votar contra um candidato riograndense. Entretanto, o Sr. Getúlio Vargas terá contra si, no Rio Grande, todos os partidos riograndenses, menos o seu, e licito é esperar que tenha contra si a maioria do eleitorado. Assim, se o ser riograndense não é impedimento que se vote contra um riograndense, como o ser mineiro impedirá que se vote contra um candidato mineiro, se os mineiros não são menos patriotas que os riograndenses?

Porque, senhores, a sucessão presidencial não é uma questão estadual, ou regional. É, sim, uma questão nacional. Chamados a decidi-la, votamos como brasileiros, não como mineiros, paulistas, ou pernambucanos. Votem os mineiros como mineiros, os paulistas como paulistas, os pernambucanos como pernambucanos, quando chamados a resolver acerca do governo de Pernambuco, de São Paulo, de Minas, chamados, porém, a constituir um governo para o Brasil, pernambucanos, paulistas ou mineiros somente devem, somente podem proceder como brasileiros, e bons brasileiros.

Demais, senhores, votando como brasileiros, e bons brasileiros, estaremos votando como bons e excelentes mineiros, riograndenses ou pernambucanos. Como faremos bem à parte, se fizermos mal ao todo? Como preservaremos Minas, se acabamos de afundar o Brasil?

Em vêdes, senhores, que o vosso dever de bons mineiros é ser, antes de tudo, bons brasileiros. E que o vosso dever de bons brasileiros é não só votar num candidato democratico, mas também no único candidato democratico capaz de sanear a democracia brasileira. Disto é que se trata, isto é que sois chamados a resolver. Será preciso dizer-vos mais, concidadãos de Minas? Não; nem mais, nem tanto. Antes, falei demais. Nesta gloriosa terra, ninguém vem ensinar civismo, vêm aprende-lo. Isto é o que eu vim fazer verdadeiramente nesta assembléia popular».

(Palmas prolongadas. O orador é aplaudido demoradamente pelo povo).

Raul PILLA